



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS COLINAS
CURSO DE LETRAS – LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

ANDRESSA REBECA DO NASCIMENTO BARROSO

**LITERATURA E IMPRENSA NO MARANHÃO: UM ESTUDO DE *A PACOTILHA*
(1880-1900)**

Colinas
2025

ANDRESSA REBECA DO NASCIMENTO BARROSO

**LITERATURA E IMPRENSA NO MARANHÃO: UM ESTUDO DE *A PACOTILHA*
(1880-1900)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua
Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa,
da Universidade Estadual do Maranhão para
obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Izenete Nobre Garcia

Colinas
2025

FICHA CATALOGÁFICA

Barroso, Andressa Rebeca do Nascimento.

Literatura e imprensa no Maranhão: um estudo de A Pacotilha (1880-1900) / Andressa Rebeca do Nascimento Barroso. - Colinas - MA, 2026.
45 f.

Monografia (Graduação em Letras) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Colinas, 2026.

Orientadora: Profa. Dra. Izenete Nobre Garcia.

1. Imprensa oitocentista. 2. Folhetim. 3. Crítica literária. 4. Maranhão. I. Título.

CDU: 070(812.1)

Elaborado por Luciana de Araújo - CRB 13/445

ANDRESSA REBECA DO NASCIMENTO BARROSO

LITERATURA E IMPRENSA NO MARANHÃO: A PACOTILHA (1880-1900)

Aprovado em: 08/01/2026

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

IZENETE NOBRE GARCIA

Data: 08/01/2026 10:27:26-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Izenete Nobre Garcia (Orientadora)
Universidade Estadual do Maranhão/Campus Zé Doca



Documento assinado digitalmente

ALESSANDRA GREYCE GAIA PAMPLONA

Data: 08/01/2026 20:53:16-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Alessandra Greyce Gaia Pamplona (Membro)
Instituto Federal de Educação do Pará/Campus Belém



Documento assinado digitalmente

SHIRLEY LAIANNE MEDEIROS DA SILVA

Data: 19/01/2026 09:02:58-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Ma. Shirley Laianne Medeiros da Silva (Membro)
Universidade Federal do Pará/Campus Guamá

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi simples, nem linear. Este trabalho é resultado de um caminho feito de sonhos, renúncias, cansaço, lágrimas silenciosas e, também, de pequenas vitórias que me mantiveram de pé. Por isso, meus agradecimentos vão muito além de um protocolo acadêmico: são um gesto de reconhecimento a todos que caminharam comigo, mesmo quando eu mesma duvidei que conseguiria chegar ao final.

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter sido minha fortaleza nos momentos de fraqueza, minha esperança quando tudo parecia pesado demais e minha luz quando o caminho se mostrava confuso.

Aos meus pais, Audisienne e Jailson, deixo o meu agradecimento mais profundo e cheio de amor. Obrigada por serem meu porto seguro, por acreditarem em mim mesmo quando eu duvidei, por segurarem minha mão nos momentos difíceis e por nunca medirem esforços para que meus sonhos ganhassem forma. Tudo o que sou e tudo o que conquistei carrega a força, o cuidado e o amor incondicional de vocês.

À minha avó, Maria Francisca, expresso minha mais profunda gratidão por ser meu alicerce, minha força e meu amparo desde os primeiros passos dessa trajetória. Seu cuidado, sua presença constante e seu amor generoso sustentaram cada etapa do meu caminho. Tudo o que alcancei até aqui também é fruto do seu apoio e da sua dedicação

À minha tia, Rita de Cássia, agradeço o acolhimento, carinho e apoio ao longo destes quatro anos, essenciais para a continuidade dos meus estudos.

Aos demais familiares, ao meu irmão Ruan e às minhas primas e primos Luciana, Sara, Sofia, Vitória e Timóteo, deixo meu sincero e carinhoso agradecimento pelo incentivo, pela presença constante e pelo apoio que tornaram esta caminhada mais leve e possível. Cada palavra de encorajamento e cada gesto de cuidado foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

À minha orientadora Profa. Dra. Izenete Nobre Garcia, expresso a minha mais sincera e profunda gratidão. Ao longo destes quatro anos, sua presença foi essencial em cada etapa desta caminhada. Muito mais do que orientar um trabalho acadêmico, você foi amiga nos momentos de dúvida, mãe nos instantes de fragilidade, conselheira quando o cansaço e o medo tentaram me fazer desistir e professora em cada palavra, correção e ensinamento compartilhado. Agradeço pela paciência infinita, pela escuta atenta, pelo cuidado humano e pela confiança depositada em mim, mesmo quando eu mesma duvidei da minha capacidade. Sua orientação ultrapassou os limites da academia e contribuiu de maneira decisiva para minha formação não apenas acadêmica, mas também pessoal e humana. Este trabalho carrega muito do que aprendi

com você: rigor, sensibilidade, compromisso e afeto. Levo comigo seus ensinamentos, sua generosidade e seu exemplo, que seguirão me acompanhando em toda a minha trajetória. Meu muito obrigada por caminhar comigo, por acreditar em mim e por fazer parte de forma tão significativa desta conquista.

Ao meu namorado, Victor Alexandre, expresso minha mais sincera gratidão por permanecer ao meu lado durante esta intensa e desafiadora aventura que foi este ano. Obrigada por segurar as pontas nos momentos de cansaço, ansiedade e insegurança, por ser meu alicerce quando tudo parecia pesado demais e por me oferecer apoio mesmo nos dias mais difíceis. Agradeço pelo carinho constante, pela paciência infinita, pela compreensão diante das ausências e pelo incentivo diário, que me deram forças para continuar quando pensei em desistir. Sua presença foi fundamental para que eu conseguisse seguir em frente e concluir esta etapa tão importante da minha vida. Este trabalho também carrega um pouco do seu cuidado, do seu amor e da sua confiança em mim.

Aos professores do curso, minha sincera gratidão por todo o conhecimento compartilhado ao longo da graduação. Cada aula, leitura, debate e orientação contribuíram para a minha formação intelectual e crítica, deixando marcas que levarei para além da universidade.

Às minhas amigas de curso que a universidade me deu, deixo minha sincera gratidão. A Laurice Dias, por me aguentar ao longo de todos esses anos, pela parceria, paciência e companheirismo. À irmã-amiga que a universidade me presenteou, Antonia Raiane, por escutar minhas lamúrias, caminhar ao meu lado e ser minha dupla inseparável. Obrigada por tornarem essa jornada mais leve e significativa.

Agradeço, com carinho, a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da construção deste trabalho: aqueles que souberam ouvir meus silêncios e desabafos, que estenderam a mão nos momentos de exaustão e que, mesmo sem saber, me ajudaram a acreditar que eu seria capaz de chegar até aqui.

Por fim, agradeço a mim mesma, pela coragem de seguir adiante mesmo quando o medo, a insegurança e o cansaço tentaram me impedir. Este trabalho não representa apenas a conclusão de um curso, mas a materialização de uma trajetória marcada pela resistência, pelo aprendizado e pela superação.

RESUMO

Este trabalho analisa o jornal *A Pacotilha* no período de 1881 a 1900, investigando seu papel na circulação da literatura e da crítica literária no Maranhão oitocentista. Inserido em um contexto de intensas transformações sociais, políticas e culturais, o periódico consolidou-se como um importante mediador cultural, contribuindo para a formação do público leitor e para a difusão de ideias literárias no espaço maranhense. A pesquisa baseia-se em análise qualitativa e quantitativa de edições do jornal, com atenção especial às seções Folhetim e Variedades, onde se concentravam os textos ficcionais. Os resultados apontam para a predominância de autores estrangeiros, especialmente franceses, cujas narrativas extensas publicadas em formato de folhetim ocuparam posição central nas páginas do periódico. A produção nacional, embora presente, aparece majoritariamente em textos mais curtos e em espaços de menor destaque, o que revela uma hierarquia editorial marcada pela valorização da literatura internacional. Ainda assim, escritores brasileiros como Machado de Assis e Aluísio Azevedo encontraram no jornal um espaço relevante de divulgação e reconhecimento. Além da veiculação de obras literárias, *A Pacotilha* atuou como um espaço significativo de crítica literária, na qual o julgamento estético se articula a debates sociais, políticos e morais. A recepção de *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, evidencia como a crítica jornalística ultrapassava o comentário literário, funcionando como instrumento de intervenção social e disputa simbólica. Conclui-se que *A Pacotilha* exerceu papel fundamental na vida cultural do Maranhão no final do século XIX, articulando literatura, crítica e imprensa e contribuindo para a consolidação de uma cultura letrada em formação.

Palavras-chave: Imprensa oitocentista; Folhetim; Crítica literária, Maranhão

ABSTRACT

This work analyzes the newspaper *A Pacotilha* from 1881 to 1900, investigating its role in the circulation of literature and literary criticism in 19th-century Maranhão. Situated within a context of intense social, political, and cultural transformations, the periodical established itself as an important cultural mediator, contributing to the formation of the reading public and the dissemination of literary ideas in Maranhão. The research is based on a qualitative and quantitative analysis of the newspaper's editions, with special attention to the Folhetim and Variedades sections, where fictional texts were concentrated. The results point to the predominance of foreign authors, especially French ones, whose extensive narratives published in serial format occupied a central position in the newspaper's pages. National production, although present, appears mainly in shorter texts and in less prominent spaces, revealing an editorial hierarchy marked by the valorization of international literature. Even so, Brazilian writers such as Machado de Assis and Aluísio Azevedo found in the newspaper a relevant space for dissemination and recognition. Beyond publishing literary works, *A Pacotilha* served as a significant space for literary criticism, where aesthetic judgment was linked to social, political, and moral debates. The reception of *O Mulato*, by Aluísio Azevedo, demonstrates how journalistic criticism went beyond literary commentary, functioning as an instrument of social intervention and symbolic dispute. It can be concluded that *A Pacotilha* played a fundamental role in the cultural life of Maranhão at the end of the 19th century, connecting literature, criticism, and the press, and contributing to the consolidation of a developing literate culture.

Keywords: Nineteenth-century press; Serialized novel; Literary criticism; Maranhão.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A <i>PACOTILHA</i> E A LITERATURA NO MARANHÃO.....	12
2.1 <i>A Pacotilha</i> : jornal da tarde.....	14
3. A CRÍTICA LITERÁRIA EM <i>A PACOTILHA</i>	30
3.1 A Recepção da Crítica de <i>O Mulato</i> na <i>Pacotilha</i>	32
4. CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

1 INTRODUÇÃO

Entre os anos de 1880 e 1900, o Brasil vivenciou um período decisivo de sua história. O Império apresentava sinais de esgotamento político, enquanto o movimento abolicionista ganhava força em diversas províncias. Nesse contexto, a imprensa desempenhou um papel fundamental. Periódicos como *A Pacotilha*, publicado no Maranhão, converteram-se em espaços privilegiados para a circulação de ideias políticas, literárias e sociais (Matos, 2021, p. 399).

Conforme Marlyse Meyer (2005, p. 31), o jornal consolidou-se como um dos principais mediadores da cultura moderna no século XIX, ao se tornar o meio de comunicação de massa por excelência. De caráter acessível e periódico, formou um novo público leitor e diversificou seu conteúdo, incorporando não apenas notícias, mas também entretenimento e literatura, integrando-se à vida cotidiana das cidades em transformação.

Criado em 1880, *A Pacotilha* constitui um exemplo expressivo da atuação da imprensa maranhense no Oitocentos. Sua primeira edição apresentava conteúdos variados, como notas do cotidiano, charadas e textos literários, ainda sem uma organização formal em seções, estrutura que seria adotada a partir de 1881.

Os folhetins, crônicas e artigos publicados em *A Pacotilha* refletiam tanto o pensamento conservador de setores das elites quanto o surgimento de discursos voltados para a transformação e a crítica social e literária. As narrativas ficcionais abordavam temas como escravidão, modernidade, liberdade, educação e direitos civis, materializando o que Massaud Moisés (2004, p. 67) denomina “uma literatura em linha reta”, isto é, aquela comprometida com a narração objetiva de fatos e experiências cotidianas, mantendo forte vinculação com a realidade histórica de sua produção.

A prosa de ficção de autores brasileiros encontrou nesse periódico um espaço relevante para publicação e diálogo com os acontecimentos sociais e políticos da época. Os textos abordavam questões como o crescimento urbano, as desigualdades sociais e as transformações nos costumes. Sobre esse aspecto, Vilaneto (2008, p. 38) aponta que a imprensa maranhense oitocentista exerceu funções simultaneamente informativas, culturais e críticas, evidenciando sua relevância social.

O mapeamento da *A Pacotilha* revelou que o espaço dedicado a autores nacionais era reduzido, com a maior parte das páginas ocupada por produções estrangeiras, relegando a literatura brasileira a uma posição marginal no periódico. A fundamentação teórica deste estudo

baseia-se principalmente nos trabalhos de Barbosa (2002), Meyer (2005) e Abreu (2006), que analisam as relações entre imprensa e literatura no Brasil oitocentista.

O núcleo da investigação voltou-se para o exame das edições de *A Pacotilha* publicadas entre 1880 e 1900, priorizando textos ficcionais produzidos por escritores brasileiros. Apesar da raridade de exemplares físicos, a consulta virtual, viabilizada pela Hemeroteca Digital Brasileira, garantiu acesso integral e seguro às fontes. Paralelamente, procedeu-se ao levantamento e à análise de trabalhos acadêmicos, incluindo dissertações, teses, artigos e ensaios, obtidos em repositórios como o portal da CAPES e a SciELO, a fim de ampliar a compreensão sobre a circulação de obras literárias e a recepção de narrativas no contexto jornalístico maranhense do período.

A pesquisa foi conduzida a partir de uma metodologia que combina procedimentos qualitativos e quantitativos, articulados a uma perspectiva historiográfica e interpretativa. Optou-se por uma abordagem exploratória das fontes primárias, capaz de abrir caminho para a descoberta de informações inéditas e para a formulação de novas interpretações sobre o objeto. Os critérios adotados para seleção foram: a) que os textos fossem de autoria estrangeira ou brasileira; e b) que estivessem publicados no corpo do jornal ou nas seções denominadas “Folhetim”, “Literatura” ou “Variedades”.

Este trabalho, dessa maneira, estrutura-se em três capítulos, os quais percorrem desde a história do periódico até o impacto de suas publicações. No Capítulo 2, intitulado “*A Pacotilha* e a Literatura no Maranhão”, examina-se como o jornal se tornou o principal mediador cultural da região no século XIX. Analisam-se sua estreia e a metáfora do “mascate”, que definia sua postura declarada de neutralidade política. Investiga-se também como as seções de “Folhetim” e “Variedades” contribuíram para a formação do público leitor, abrindo espaço para autores nacionais e estrangeiros. A segunda parte do capítulo, concentra-se na autoria brasileira. Examina-se como nomes como Machado de Assis, Arthur Azevedo e Aluísio Azevedo (com destaque para *A Mortalha de Alzira*) ocuparam espaço no periódico. Analisa-se como esses escritores utilizaram as páginas d’*A Pacotilha* para consagrar suas carreiras, frequentemente iniciando com textos breves.

O Capítulo 3 analisa a crítica jornalística como ponte entre o debate estético e o público, equilibrando o rigor intelectual com a agilidade da imprensa. O foco central é a recepção de *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, tratado aqui como um evento político que abalou São Luís. Destaca-se o uso do pseudônimo Giroflé pelo autor para confrontar o conservadorismo local. Conclui-se que a obra foi um marco do Naturalismo e da propaganda abolicionista, conectando a literatura maranhense aos grandes dilemas da nação.

2 A PACOTILHA E A LITERATURA NO MARANHÃO

No século XIX, o jornal consolidou-se como o principal veículo de circulação da leitura no Brasil, alcançando inclusive as regiões mais distantes. Isso ocorreu graças à sua portabilidade, à regularidade das publicações e às facilidades de transporte proporcionadas pelas viagens a vapor. Nesse contexto, a imprensa passou a desempenhar um papel central na formação de leitores, na mediação entre diferentes formas de conhecimento e na difusão de conteúdos literários e políticos (Luca; Martins, 2008, p. 58).

No caso do Maranhão, essa dinâmica foi ainda mais intensa. Conforme aponta Galves (2010), a imprensa se estabeleceu como um ato político e social logo nas lutas pela Independência, apesar de alguns discursos, difundidos no século XX, de que a província vivia um “obscurantismo”. A rapidez com que o debate público se desenvolveu na região e a continuidade de uma valorização da escrita e da leitura são exploradas por Leão (2013) como fatores de “consolidação de um ambiente literário local:

A imprensa conheceu um número expressivo de jornalistas e periódicos cuja atuação ia além do jornalismo político ou pasquineiro. Jornais e revistas circularam não apenas na capital da Província, São Luís, mas também em diversas cidades do interior, impulsionados pelo crescimento do parque tipográfico. Nesse cenário de expansão, destacou-se a atuação de periódicos literários ainda que muitos de curta duração que foram fundamentais para a consolidação do ambiente literário local, oferecendo espaço para a publicação da intensa produção poética surgida com a difusão das tipografias. (Leão, 2013, p. 484).

A intensa atividade intelectual maranhense, juntamente com o desenvolvimento socioeconômico da época, impulsionou de maneira determinante o surgimento e o fortalecimento da imprensa em terras maranhenses. Assim, os jornais locais se tornaram peças-chave para a formação do campo literário oitocentista, seja por meio da valorização da produção local, seja pela publicação de textos de outras províncias, seja pela divulgação ou publicação de textos traduzidos de outros idiomas.

Nesse contexto, a literatura maranhense, conforme Miranda Filho (2022), consolidou uma tradição destacada no panorama nacional, sobretudo a partir do último quartel do século XIX. A imprensa desempenhou papel decisivo nesse processo, funcionando como instância privilegiada de produção intelectual e literária. Mais do que meros veículos de informação, os jornais transformaram-se em espaços estratégicos para a circulação de ideias, o debate estético e a legitimação de autores e textos. Essa função social e política da imprensa, 13 enquanto mediadora de debates e construtora de uma esfera pública, conforme assinala Galves (2010), remonta aos primeiros periódicos editados na província.

A *Pacotilha*, desde sua fundação, mostrou-se um instrumento essencial para a consolidação da vida social e cultural maranhense, atuando como um importante veículo de informação, opinião e mediação cultural. Segundo Antonia Pereira Souza (2023, p. 172), o jornalismo literário e político praticado pelo periódico favoreceu a consolidação da atividade letrada em São Luís. Dessa forma, *A Pacotilha* contribuiu de modo significativo para tirar a imprensa local do patamar artesanal, impulsionando sua organização e profissionalização.

Josevaldo Santos (2006, p. 17) indica que, na década de 1880, aproximadamente trinta jornais estavam em circulação no Maranhão, apresentando finalidades distintas. Tal como nas décadas anteriores, coexistem periódicos identificados como “noticiosos”, “políticos” ou “literários” com outros voltados à crítica de costumes, frequentemente rotulados como pertencentes à “imprensa baixa”. A maior parte dessas publicações não mantinha periodicidade diária, sendo comum a ocorrência de tiragens limitadas ou descontinuadas. Além disso, observa-se que nem todos os jornais tratavam de assuntos de abrangência nacional, como a escravidão.

O jornal *Pacotilha* não deve, entretanto, ser interpretado como uma mera coleção de notícias. Sua relevância para a pesquisa histórica reside na forma como operou como um campo de ação e debate intelectual. Mais do que um exercício estético, a crítica jornalística operava como uma prática social que retirava a literatura do isolamento privado e a projetava no espaço público, transformando a leitura em um ato político.

Por meio de seu estudo, é possível analisar como escritores brasileiros e estrangeiros utilizaram esse espaço para afirmar posições, desenvolver projetos literários e participar de discussões estéticas e políticas de circulação nacional. Desse modo, a publicação constitui-se como um objeto privilegiado de investigação sobre a formação de carreiras letradas, a difusão de ideias e os conflitos de opinião na província durante o século XIX.

Com base nessa perspectiva, que considera o jornal um elemento ativo na cultura de seu tempo, o tópico seguinte, “*A Pacotilha*: jornal da tarde”, apresentará as condições de seu surgimento e os princípios declarados de sua linha editorial. Esse exame inicial permite compreender as bases a partir das quais o periódico organizou suas publicações e interveio nos debates locais e nacionais.

2.1 *A Pacotilha*: jornal da tarde

O texto de apresentação do periódico *Pacotilha*, publicado em 30 de outubro de 1880, configura um discurso programático que articula uma proposta editorial distinta no cenário jornalístico da época. Através de um tom que mescla a ironia com a assertividade, o texto estabelece os princípios norteadores da publicação, demarcando seu espaço por oposição aos modelos hegemônicos presentes na imprensa maranhense.

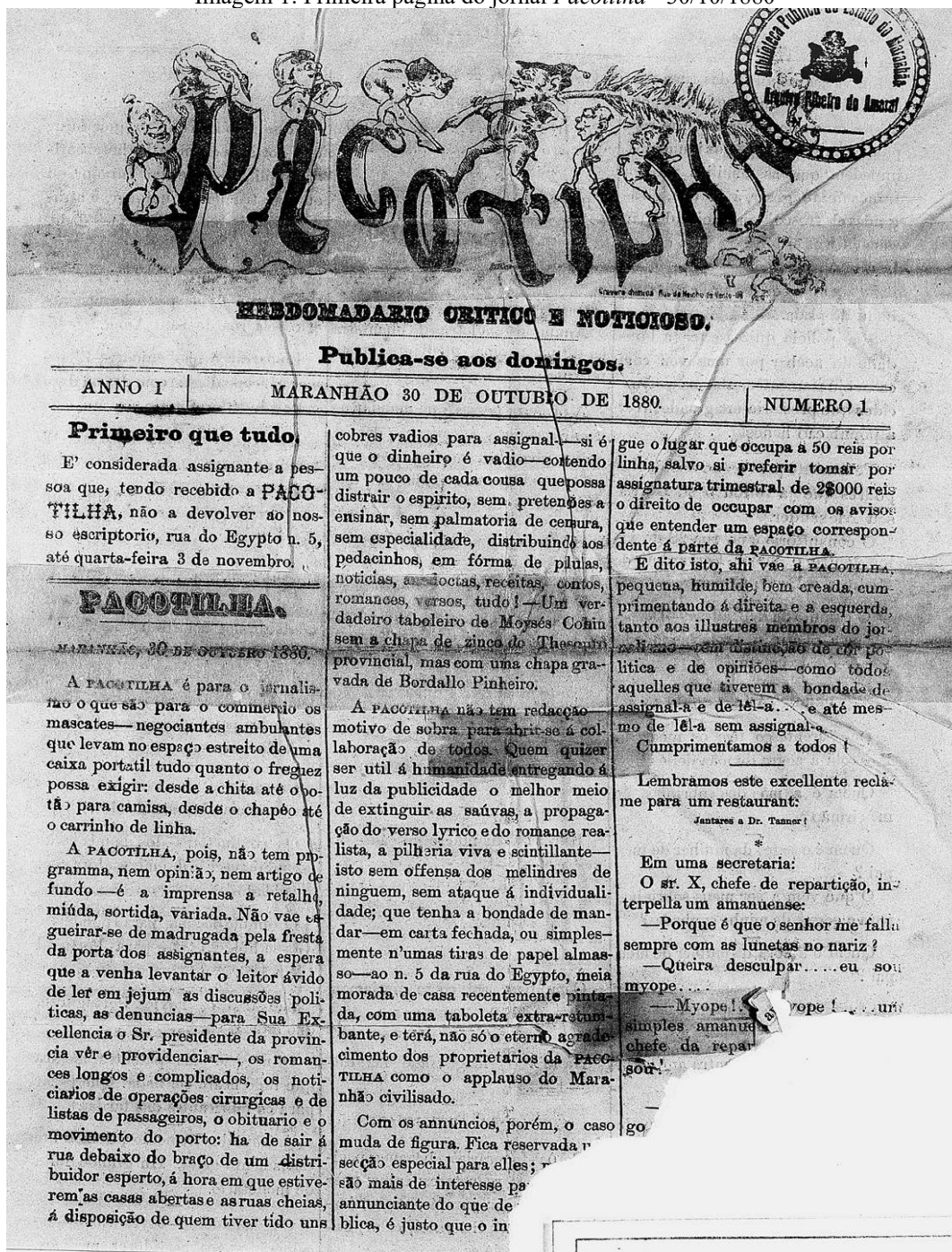
A fundamentação da proposta se inicia com uma analogia estruturante: a comparação do jornal com a figura do mascate, o vendedor ambulante. Esta metáfora opera uma reconfiguração da relação entre o periódico e seu público. O jornal deixa de ser concebido como um veículo de doutrina ou plataforma política para se tornar um produto de consumo diversificado e acessível, oferecido diretamente ao público. Desse modo, a declaração explícita de que a publicação não possui programa fixo, opinião definida ou artigo de fundo representa uma ruptura deliberada com o jornalismo partidário e com o formato do romance-folhetim, então predominante.

O texto elabora, ainda, um contraste entre modelos de circulação e consumo. Rejeita-se explicitamente a imagem do jornal que entra furtivamente nas residências ao amanhecer para uma leitura solene e política. Em oposição, propõe-se um periódico que circula abertamente nas ruas, em horário comercial, carregado por um distribuidor. Essa escolha desloca o ato de leitura do ambiente privado e reflexivo para o domínio público e casual, enfatizando um consumo despretensioso e integrado ao cotidiano.

Quanto ao conteúdo, o texto defende uma diversidade radical. A publicação se define como uma miscelânea destinada primariamente ao entretenimento, renunciando a qualquer pretensão pedagógica ou censória. A enumeração de gêneros que abrange desde anedotas e receitas até contos e versos ilustra esta priorização da variedade sobre a especialização ou a doutrina. A menção ao artista Bordallo Pinheiro, conhecido por suas sátiras, sugere, contudo, que a proposta de distração pode conviver com uma dimensão crítica e humorística.

Esse tom descontraído e ao mesmo tempo reflexivo sugere que o jornal procurava alcançar um público variado, incluindo leitores que talvez não fossem especialistas ou altamente escolarizados: “A *PACOTILHA*, pois, não tem programa, nem opinião, nem artigo de fundo - é a imprensa a retalho, miúda, sortida, variada.” (*A Pacotilha*, 1880, p.1)

Imagem 1: Primeira página do jornal *Pacotilha* - 30/10/1880



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Essa edição inaugural é um documento importante para compreender o papel da imprensa maranhense no final do século XIX. Revela não apenas o estilo e os temas preferidos pela equipe editorial, mas também a maneira como o jornal procurava se inserir no debate público em um momento de intensas transformações políticas e sociais no Brasil.

Um aspecto central da proposta é a negação de uma estrutura redacional formal. A afirmação de que o jornal “não tem redação” fundamenta um apelo à colaboração aberta e

voluntária. O periódico se apresenta como uma plataforma disponível a contribuições sobre os mais diversos temas, desde soluções práticas para problemas agrícolas até discussões literárias sobre realismo. Este modelo descentralizado promove uma produção coletiva, ainda que condicionada a um princípio de civilidade que veta ataques pessoais diretos.

O texto também demonstra uma clara consciência das necessidades materiais do empreendimento. A seção de anúncios é tratada em separado, com regras comerciais bem definidas, como a fixação de tarifas por linha. Esta separação entre o conteúdo editorial, regido pela lógica do espaço comercial, regido por um custo, revela a dualidade inerente ao periódico como projeto cultural e iniciativa econômica.

O discurso adota uma retórica de modéstia e cortesia, apresentando o periódico como uma publicação humilde que respeita os pares e os leitores. Este tom conciliador tem a função estratégica de atenuar o caráter inovador, facilitando sua aceitação no campo jornalístico estabelecido. No entanto, esta aparente neutralidade programática não implica a ausência de posicionamento. A abertura declarada ao romance realista e a promessa de operar sem censura indicam um alinhamento tácito com correntes modernizadoras, o que se materializa em suas edições subsequentes.

Desde seu surgimento, *A Pacotilha* alinhava-se a um ideário de neutralidade, aspirando a atender tanto a leitores vinculados a posições conservadoras quanto liberais, conforme destacado em suas edições iniciais. Como consequência dessa postura, o periódico apresentava uma confluência de discursos políticos antagônicos. As elites locais, por meio de publicações solicitadas, apropriavam-se desse espaço para reforçar alianças e conexões, inclusive com o próprio meio jornalístico. Conforme Pinheiro (2007):

Uma marcha lenta, pois as motivações sociais, culturais, políticas e econômicas sustentadoras da vinda tardia dos impressos continuaram a predominar na maioria das cidades. A interiorização da imprensa seguiu os passos do crescimento socioeconômico, centrado na capital e calcado no modelo essencialmente exportador até as primeiras décadas dos anos 1800, quando foi abalado pelas mudanças no mercado externo. (Pinheiro, 2007, p. 2)

Essa ambivalência ideológica do periódico refletia a própria estrutura social do Maranhão oitocentista, caracterizada pela presença de uma elite agrária influente e por uma classe letrada que instrumentalizava a imprensa como meio de expressão e exercício de poder.

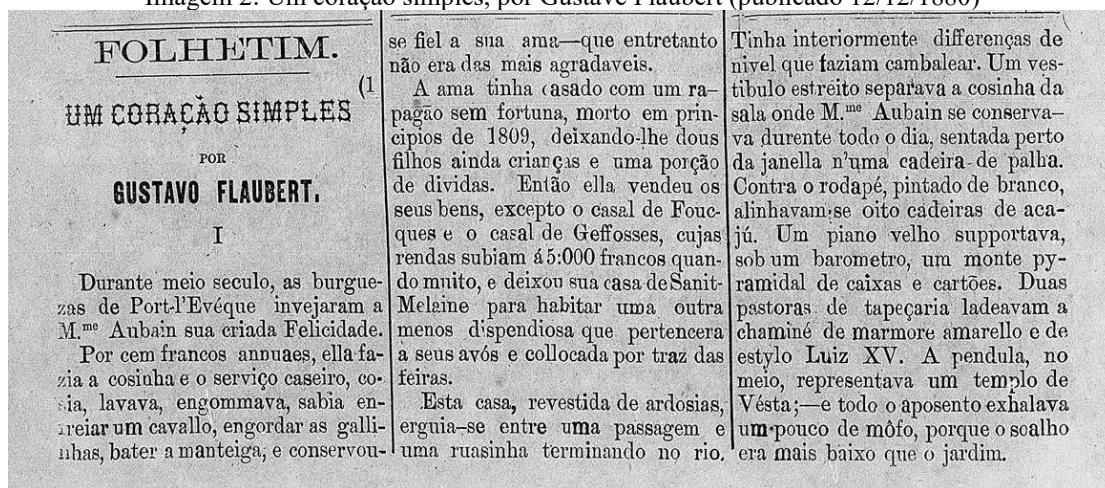
Conscientes da força do periódico como instrumento de visibilidade e legitimação, as elites utilizavam *A Pacotilha* para divulgar comunicados, notas e textos “a pedido”, os quais funcionavam como mecanismos de reforço de alianças políticas e sociais. Nesse contexto, a

imprensa não se restringia à informação, mas participava ativamente das relações de poder, constituindo-se como parte integrante das disputas e negociações que permeavam a vida pública maranhense.

Dentre as diversas seções oferecidas ao leitor, o folhetim destacou-se como uma das mais importantes e populares do jornal. De maneira geral, conforme Arnt (2001), o folhetim consistia em uma narrativa ficcional, geralmente um romance, conto ou novela, publicada em capítulos na parte inferior da página do periódico: “O termo folhetim designa, também, a seção do jornal que vem ao pé da página, separado do corpo das matérias, contendo assuntos diversos, crônicas e folhetins propriamente ditos - isto é, os romances feitos especificamente para serem publicados em capítulos.” (Arnt, 2001, p. 17).

O primeiro folhetim d’A *Pacotilha* foi inaugurado com a publicação da narrativa *Um coração simples*, de Gustave Flaubert. A migração do texto do suporte livreiro para o espaço jornalístico assinala um momento significativo de valorização da literatura no periódico. Tal iniciativa evidencia o interesse do jornal em aproximar os leitores maranhenses das produções literárias europeias, ampliando tanto o alcance quanto o prestígio da ficção no âmbito da imprensa local.

Imagem 2: Um coração simples, por Gustave Flaubert (publicado 12/12/1880)



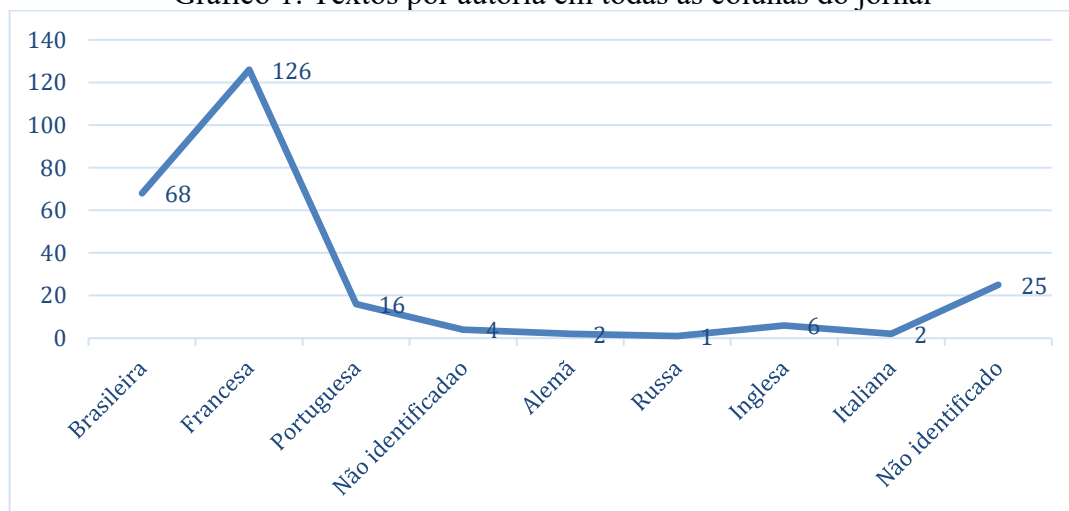
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

A abertura da coluna Folhetim no jornal *Pacotilha* representou um marco importante na circulação de obras literárias no Maranhão do século XIX. Por meio dessa seção, os leitores maranhenses passaram a ter narrativas estrangeiras traduzidas e publicadas, o que contribuiu para a atualidade das leituras e conexões com as tendências literárias europeias. Autores como Jules Verne (1828-1905), Gustave Flaubert (1821-1880), Georges Ohnet (1848-1918), Paul de Kock (1794-1871), Catulle Mendes (1841-1909), Mathilde Kindt (1833-1886),

Charles Dickens (1812-1870), Maria Amalia Vaz de Carvalho (1847-1921), Camilo Castelo Branco (1825-1890), L. Tolstoi (1828-1910) e outros, passaram a figurar com frequência nas Ohnet (1848-1918), Paul de Kock (1794-1871), Catulle Mendes (1841-1909), Mathilde Kindt (1833-1886), Charles Dickens (1812-1870), Maria Amalia Vaz de Carvalho (1847-1921), Camilo Castelo Branco (1825-1890), L. Tolstoi (1828-1910) e outros que passaram a figurar com frequência nas páginas de *A Pacotilha*, transformando o folhetim em um espaço certo para atualizar as leituras da última moda europeia.

Esses escritores ocuparam um espaço cada vez mais expressivo, a ponto de consolidarem no jornal uma seção quase exclusiva para histórias estrangeiras seriadas. A escolha por esse tipo de conteúdo também refletia o gosto do público da época, ávido por novidades, aventuras e modelos literários distintos daqueles produzidos localmente. O gráfico a seguir comprova essa hipótese, uma vez que das 246 narrativas publicadas, 157 são de autoria estrangeira:

Gráfico 1: Textos por autoria em todas as colunas do jornal



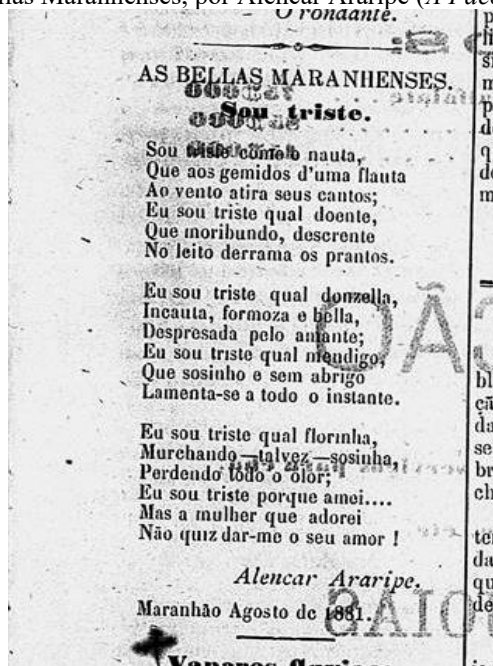
Fonte: A autora, 2025

A ausência de autores nacionais na seção de folhetim confirma a predominância da literatura estrangeira no repertório oferecido ao leitor, sugerindo que, embora o periódico exercesse um relevante papel de mediação cultural, seu foco recai mais sobre a importação de modelos literários do que sobre a valorização da produção nacional. Os textos brasileiros concentravam-se sobretudo nas colunas “variedade” e “*Pacotilha*”, sendo, em sua maioria, narrativas curtas.

Para além do “folhetim”, a coluna “variedades” e “*Pacotilha*” também passou a congrega textos de autores estrangeiros e nacionais, configurando-se como um espaço híbrido em que se articulavam crônicas, contos breves, ensaios e curiosidades. Essa combinação entre

o local e o estrangeiro contribuiu para ampliar o repertório do público leitor. Um dos primeiros autores brasileiros a circular nesse espaço foi Alencar Araripe, com a publicação do poema “As bellas maranhenses” em 13 de agosto de 1881, conforme demonstra a imagem a seguir:

Imagem 3: As Bellas Maranhenses, por Alencar Araripe (*A Pacotilha*, 13/08/1881)



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Embora não tenha estreado na coluna de folhetim, abriu espaço para outros autores publicarem seus textos de ficção ou crítica. Para Marlise Meyer (1998, p. 127), as seções “folhetim” e “variedades” desempenharam papéis fundamentais no surgimento e na consolidação da literatura nacional. Do seu ponto de vista, investigar esse fenômeno significa percorrer um caminho duplamente revelador. Por um lado, é possível identificar nesses espaços as primeiras e ainda incipientes manifestações da ficção no Brasil, onde contos, folhetins e esboços narrativos começavam a ganhar forma e público. Por outro lado, as “variedades” representavam um campo experimental para o próprio veículo jornalístico, que deixava de ser um mero transmissor de notícias e assumia a função de um ambiente de criação textual. Esse caráter híbrido permitia uma liberdade maior para autores experimentarem linguagens, temas e formatos, contribuindo simultaneamente para a transformação do jornal em um produto cultural diverso e complexo.

A coluna “variedades”, especialmente, se destacava por sua grande diversidade de gêneros. Nela, o leitor encontrava desde contos e curiosidades, como “a história da manteiga”,

até textos de teor político. Essa mistura de publicações fazia jus ao nome da coluna, oferecendo um conteúdo variado que complementava as outras seções do jornal.

Imagem 4: Coluna Variedade (A Pacotilha, 07/03/1883)



O conto *A Igreja do Diabo*, de Machado de Assis, é um exemplo de como autores brasileiros conseguiram espaço nos jornais da época. No ano de 1896, a presença de escritores como Coelho Netto, Aluizio Azevedo e Arthur Azevedo marcou significativamente as páginas do jornal. Embora predominassem os textos de autoria estrangeira, a circulação de produções nacionais, quando ocorria, tinha grande impacto. A coluna *Variedades* e outros espaços, como no jornal *Pacotilha*, funcionavam como palco para esses autores, onde seus textos apareciam lado a lado com outros conteúdos diversos, como notícias e crônicas.

Tabela 1: Autores que circularam nas colunas: variedade, *Pacotilha*, literatura, arte, ciência e literatura entre outros durante os anos (1880-1900)

Autoria	Nacionalidade
Hoffmann	Alemã
Aderbal de Carvalho	Brasileira
Aluizio Azevedo	Brasileira
Alvaro de Sá Vianna	Brasileira
Annibal Mascarenhas	Brasileira
Araújo Junior	Brasileira
Armando Silvestre	Brasileira
Arthur Azevedo	Brasileira
Campos Porto	Brasileira
Coelho Netto	Brasileira
Cruz e Souza	Brasileira
Domingos Machado	Brasileira
Emílio Rouede	Brasileira
Ezequiel Freire	Brasileira
Ferreira de Araújo	Brasileira
Figueiredo Pimentel	Brasileira
França Junior	Brasileira
Francisco da Rocha Martins	Brasileira
Franklin Távora	Brasileira
Gama Rosa	Brasileira
Gonçalves Maia	Brasileira
J. Freitas	Brasileira
J. Rodrigues Guido	Brasileira
João Barboza	Brasileira
Joaquim de Albuquerque	Brasileira
Joaquim Nabuco	Brasileira
José Maria da Costa	Brasileira
Julia Lopes de Almeida	Brasileira
Julio de Lemos	Brasileira
Laura Jolie e Laura Rolim	Brasileira
Lucio de Mendonça	Brasileira
Luiz Marcello	Brasileira
Machado de Assis	Brasileira
Magalhães de Azevedo	Brasileira
Manuel Antônio de Almeida	Brasileira
Maria Benedita Câmara Bormann	Brasileira
Olavo Bilac	Brasileira
Pardal Mallet	Brasileira

Ramiro Branco	Brasileira
Rangel de Lima Junior	Brasileira
Teixeira de Castro	Brasileira
Trindade Coelho	Brasileira
Valentim Magalhães	Brasileira
Virgílio Várzea	Brasileira
Viriato Correa	Brasileira
A. Belot	Francesa
A. Bouvier	Francesa
A. Daudet	Francesa
A. Houssaye	Francesa
A. Mathey	Francesa
Aless. D'Atri	Francesa
Alexandre Dumas	Francesa
Alphonse Karr	Francesa
André Valdés	Francesa
Aurelien Scholl	Francesa
Barão La Motte Fouqué	Francesa
Camille Bonheur	Francesa
Camille Flamarion	Francesa
Catulle Mendes	Francesa
Charles de Bernard	Francesa
Charles Deslys	Francesa
Edmundo de Amicis	Francesa
Élie Berthet	Francesa
Emile Blavet	Francesa
Emille Zola	Francesa
Eugene Chavette	Francesa
Eugene Sue	Francesa
Gaston Vassy	Francesa
Georges Ohnet	Francesa
Georges Preadel	Francesa
Gustavo Flaubert	Francesa
Guy Maupassant	Francesa
Heitor Malot	Francesa
Henri Demesse	Francesa
Henri Tessier	Francesa
Henrique Muger	Francesa
Jean Bernard Mary-Lafon	Francesa
Jules de Gastyne	Francesa
Jules Verne	Francesa
Julio Lemaiche	Francesa
Julio Lermina	Francesa
Julio Mary	Francesa
Leopoldo Stlaéaux	Francesa
Ludovic Halevy	Francesa
Luiz Noir	Francesa
Luiz Ulbach	Francesa
Mathilde Kindt	Francesa
Molé-Gentilhome	Francesa
Norbert Billiard	Francesa
Octave Mirbeau	Francesa

Oscar Michon	Francesa
P. Zaccone	Francesa
Paul Borde	Francesa
Paul Bourget	Francesa
Paul Feval	Francesa
Pierre Loti	Francesa
Raphael Lightone e Maxime Villemer	Francesa
René de Pont-Jest	Francesa
René Maizerot	Francesa
Theodore de Banville	Francesa
Victor Jannet	Francesa
Xavier de Montepin	Francesa
Charles Dickens	Inglesa
Henry Rider Haggard	Inglesa
Howard Jacobson	Inglesa
Miss Braddon	Inglesa
William Shakespeare	Inglesa
Emma Perodi	Italiana
A. Britto	Não identificado
Emanuel Carneiro	Não identificado
Extraída do Jornal do Comercio	Não identificado
Extraído do Mequetrefe	Não identificado
Rolino Jole Lauro	Não identificado
Camilo Castelo Branco	Portuguesa
Cypriano Jardim	Portuguesa
Gomes Leal	Portuguesa
Guiomar Torrezão	Portuguesa
Maria Amalia Vaz de Carvalho	Portuguesa
Martinho Brederode	Portuguesa
Pinheiro Chagas	Portuguesa
Ramalho Ortigão	Portuguesa
Thomaz Ribeiro	Portuguesa
Tobias Monteiro	Portuguesa
Urbano de Castro	Portuguesa
Rainha da Romania	Romena
L. Tolstoi	Russa

Fonte: A autora, 2025

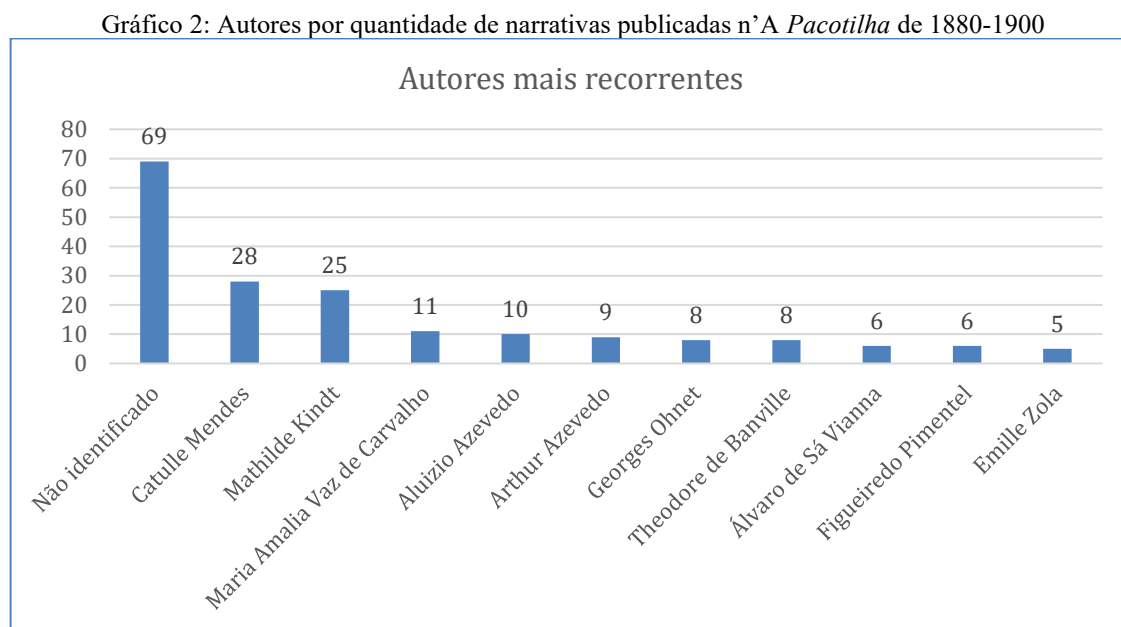
Isso mostra que, apesar da predominância estrangeira, escritores como Machado de Assis, Arthur Azevedo, Viriato Correa, Julia Lopes de Almeida, Franklin Távora etc. encontraram na imprensa o espaço ideal para circular suas obras e consolidar sua carreira, construindo um público fiel de leitores.

Em 1900, a influência de autores estrangeiros ainda era muito forte nos jornais, dominando as publicações. Um exemplo disso é Eugène Sue, com o romance *A Montanha do Diabo*, que se manteve por meses nas páginas do jornal. Enquanto isso, autores nacionais como Figueiredo Pimentel tinham menos visibilidade, escrevendo em colunas sem o mesmo destaque, com textos menores, mas com um número maior de narrativas.

Sexta-feira, 30 de Março de 1900

ras—
QUE

Dessa forma, a permanência de um autor francês como Xavier de Montepin, por meses sendo publicado se dá pelo fato da narrativa ser comprida e não pela quantidade de narrativas, como se observa no gráfico a seguir:



Fonte: A autora, 2025.

Outro fator importante, são os textos “não identificados”, que podem tender para qualquer um dos idiomas, posto estarem publicados por pseudônimos ou não apresentarem autoria nenhuma. Essa dinâmica evidencia a preferência do público e dos editores da época pela literatura internacional, mesmo com a existência de talentos brasileiros.

A análise quantitativa e qualitativa das proporções registradas nas publicações do jornal *A Pacotilha* revela, de maneira geral, a relevância do periódico como agente de circulação literária no Maranhão oitocentista. A organização dos dados, dispostos em colunas específicas, permite visualizar com clareza os diferentes espaços de veiculação dedicados à literatura, distinguindo-se as seções nas quais narrativas e textos ficcionais eram publicados.

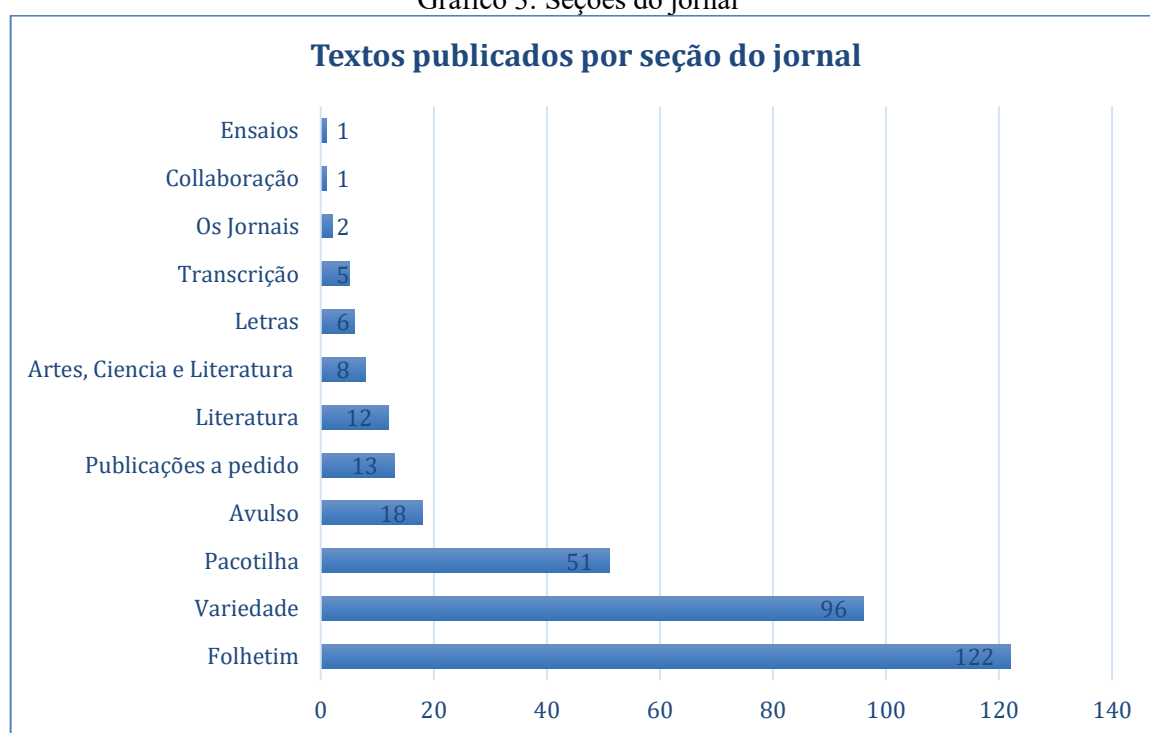
Nos primeiros anos de atividade do jornal, verifica-se um predomínio marcante de autores brasileiros, apesar, da ocorrência de grandes narrativas de escritores como Jules Verne, cuja popularidade já era consolidada internacionalmente, o que, no entanto, não impediu a publicação pequenas de brasileiros, assegurando visibilidade às suas ideias e obras.

Esse cenário indica não apenas a preferência editorial por conteúdos estrangeiros, mas também a inserção do jornal em uma rede mais ampla de circulação de obras, o que, ao mesmo tempo em que diversificava a oferta cultural ao público local, relegava a produção literária nacional a um espaço secundário.

Em todo o período analisado, observa-se uma predominância dos folhetins em relação aos textos de Variedade, sugerindo que o folhetim era o formato editorial mais valorizado e consumido pelo público da época. Como gênero, o folhetim possuía a vantagem de ser publicado em partes, o que criava expectativa e fidelizava o leitor, mantendo-o engajado edição após edição.

Os textos de Variedade, embora menos frequentes, aparecem de forma regular, funcionando como complemento editorial. Eles ofereciam ao público crônicas, ensaios e pequenas narrativas, diversificando o conteúdo e equilibrando o caráter seriado dos folhetins.

Gráfico 3: Seções do jornal

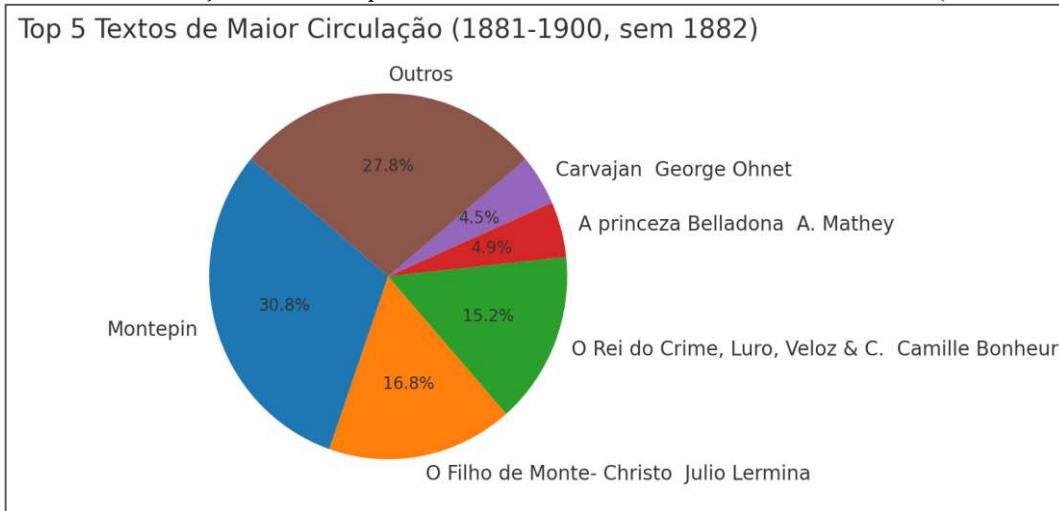


Fonte: A autora, 2025

A análise sugere que, nesse período, a estratégia editorial priorizava narrativas de longo fôlego, reforçando o papel do jornal não apenas como veículo de informação, mas também como espaço de entretenimento literário. A constância da participação das Variedades indica, porém, que havia demanda por textos mais curtos e temáticas variadas, provavelmente para atrair um público mais amplo e atender a diferentes interesses.

De maneira geral, o padrão identificado reafirma a relevância do folhetim no final do século XIX e comprova seu papel na formação dos hábitos de leitura da época. Enquanto o “folhetim” se manteve como o carro-chefe da circulação literária, as “variedades” atuaram como complemento, conferindo sabor e diversidade ao conjunto editorial.

Gráfico 3: Publicação dos textos que mais circularam na coluna folhetim entre os anos (1881-1900).



Fonte: A autora, 2025.

Entre 1881 e 1900, a seção de “folhetim” se destacou como um dos principais atrativos do periódico, mantendo a atenção do leitor por meio de narrativas seriadas. Nesse período, textos como *O Rei do Crime, Luro, Veloz & C.*, de Camille Bonheur, *O Filho de Monte- Cristo*, de Jules Lermina, e as obras de Xavier de Montépín circularam amplamente, atestando o êxito desse formato editorial. O Gráfico 4, que compara a circulação do folhetim, revela um padrão consistente, confirmando que as histórias em série mantinham os leitores engajados por semanas ou meses.

A estrutura interna de *A Pacotilha* se organizava em seções distintas, como “Pacotilha”, “Literatura”, “Arte e Ciência”. Embora constantes, essas colunas ocupavam um espaço editorial reduzido em comparação com as seções de “folhetim” e “variedade”. Elas funcionavam como complemento ao conteúdo principal, oferecendo ao leitor uma diversificação que incluía crônicas, ensaios, contos breves e discussões sobre temas diversos. Tal disposição demonstra uma estratégia editorial voltada a atender a um amplo espectro de interesses, embora sem estabelecer uma hierarquia rígida no interior do periódico.

Os dados quantitativos confirmam essa hierarquização. O gráfico de distribuição de conteúdo ao longo do período (1880-1900) indica que, a despeito de oscilações anuais, as seções de Folhetim e Variedade mantiveram uma predominância consistente sobre as demais colunas.

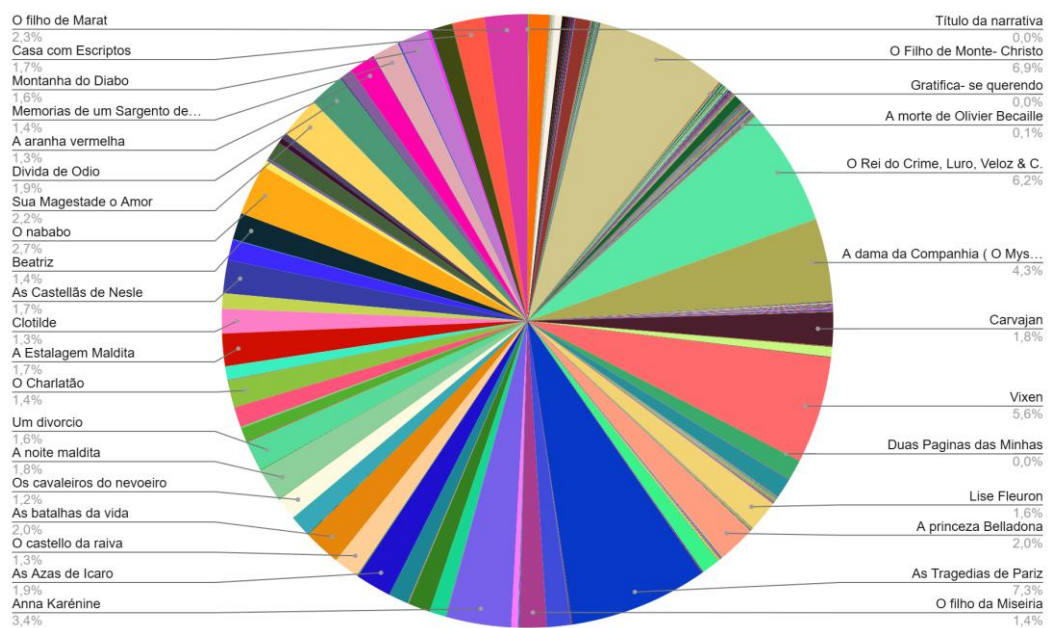
Gráfico 5: Textos por seção do jornal



Fonte: A autora, 2025

Esse cenário reforça a caracterização do jornal como um espaço híbrido, que conciliava a narrativa longa e seriada com textos mais breves e tematicamente diversos. Contudo, isso não se constituía em termos de igualdade, mas com uma clara priorização da narrativa seriada como principal atrativo para o público leitor.

Gráfico 6: Textos com maior permanência na coluna folhetim entre os anos (1880-1900).



Fonte: A autora, 2025

No que se refere ao conteúdo do Folhetim, a análise dos dados entre 1881 e 1900 revela um perfil editorial claramente cosmopolita, marcado pela forte presença de autores estrangeiros. Essa predominância indica uma política de tradução e importação de narrativas alinhadas ao gosto literário internacional, inserindo o leitor local em um circuito cultural transnacional.

Destaca-se a recorrência de *O Filho de Monte-Cristo*, de Jules Lermina, cuja presença exemplifica o sucesso das sequências apócrifas no século XIX. Ao explorar o prestígio do universo criado por Alexandre Dumas, Lermina ofereceu ao público uma continuidade ficcional capaz de garantir a fidelização dos leitores e atender às exigências do mercado jornalístico. A expressiva circulação dessa obra confirma o folhetim como um produto global e evidencia a industrialização da narrativa, já orientada por uma lógica seriada e comercial. Assim, a centralidade de Jules Lermina nos dados analisados reflete uma época em que o poder do personagem e a demanda por entretenimento frequentemente se sobrepunham à noção tradicional de autoria.

Nesse contexto, destaca-se a trajetória de Aluísio Azevedo no periódico *A Pacotilha*. O autor maranhense contabiliza dez ocorrências ao longo do período analisado, com textos de naturezas variadas, que incluem ensaios e produções de temática romântica. Sua presença, entretanto, não se distribui de forma homogênea, observando-se uma intensificação significativa a partir de 1896, momento em que seus escritos passam a circular não apenas na seção de Folhetim, mas também em outras áreas do jornal.

Esse aumento de visibilidade culmina com a publicação do folhetim *A Mortalha de Alzira*, obra que recebeu amplo destaque editorial e foi objeto de sucessivas reprises nas páginas d'*A Pacotilha*. Tal recorrência indica uma recepção favorável por parte do público e sugere que o texto se consolidou como um dos principais marcos da atuação do autor no periódico. Assim, a evolução da participação de Aluísio Azevedo de colaborador esporádico a figura central do folhetim evidencia um processo de consagração literária mediado, em grande medida, pelo espaço e pela projeção proporcionados pelo jornal.

3. A CRÍTICA LITERÁRIA EM *A PACOTILHA*

Para a abertura deste capítulo, propõe-se analisar o lugar da crítica literária publicada nas páginas do jornal *A Pacotilha*. Fabio Durão (2016) argumenta que o conceito de crítica literária abrange diferentes direções, com trajetórias que se articulam entre si, embora também apresentem contradições. A partir dessa compreensão, verifica-se que a crítica literária difundida na imprensa constitui um campo heterogêneo, formado por métodos, abordagens e finalidades que coexistem e, em alguns casos, se contrapõem.

A recepção da crítica literária, nesse sentido, diz respeito às formas pelas quais um texto crítico ou um conjunto de críticas é acolhido, interpretado e assimilado pelo público leitor, pelos próprios escritores e pelo campo intelectual, abarcando a universidade, outros críticos e a historiografia literária.

Trata-se de um processo dinâmico, que ultrapassa a lógica dicotômica do simples “gostar” ou “não gostar” e envolve mecanismos de legitimação, disputas de valor e processos de consagração. Nesse sentido, Brito Broca (1991) chama a atenção para o fato de que os autores românticos, salvo os dramaturgos, foram raramente submetidos a avaliações críticas dessa natureza no período em que produziram suas obras, o que evidencia que a recepção também é marcada por desigualdades internas e por distintas formas de visibilidade no sistema literário.

Seguindo essa percepção de crítica, o jornal retira o assunto do âmbito privado e o projeta para o debate público. Ao analisar a literatura ou os costumes, a crítica jornalística obriga o leitor a confrontar questões sociais, políticas e morais de sua época. Assim, o texto deixa de ser apenas um comentário ou opinião isolada e passa a funcionar como um instrumento de formação: molda a visão de mundo do leitor, tanto sobre si mesmo quanto sobre a sociedade em que está inserido.

Dessa forma, mais do que julgar obras, a crítica literária na imprensa oitocentista operava como uma prática social e discursiva, capaz de intervir na vida pública e de moldar sensibilidades. Nesse sentido, Lemaître (1887 apud Souza, 2011, p. 29) observa que:

A crítica varia infinitamente segundo o objeto estudado, segundo o espírito que o estuda, segundo o ponto de vista em que este espírito se situa. Pode considerar as obras, os homens ou as ideias. E pode julgar ou somente definir. A princípio dogmática, ela se tornou histórica e científica; mas não parece que sua evolução esteja terminada. Vã como doutrina, forçosamente incompleta como ciência, tende talvez a se tornar simplesmente a arte de fruir os livros e de enriquecer e refinar, através deles, as impressões que suscitam.

A partir dessa concepção, compreende-se que a crítica “varia infinitamente”, acompanhando tanto o objeto analisado quanto o espírito crítico. Ao migrar para o espaço jornalístico, essa variabilidade ganha, também, uma dimensão social: a crítica desloca debates para o espaço público e participa ativamente da formação do leitor.

Nesse processo, a crítica constrói o sentido do público leitor de três maneiras principais: atuando como guia, como filtro e como agente de legitimação dentro do sistema cultural. Ao orientar a leitura, selecionar o que é considerado relevante e atribuir valor às obras, oferece ao público as ferramentas e o contexto necessários para que ele não apenas consuma produtos culturais, mas os compreenda, os interprete e os integre de forma ativa à vida social.

Apesar desse papel formador, alguns autores chamam atenção para a tensão entre crítica e jornalismo. Como afirma Coutinho (1957, p. 83), “a crítica exige outros métodos e critérios que tornam o seu resultado incompatível com o exercício periódico e regular em jornal, e mais incompatível com o próprio espírito do jornalismo, que é informação, ocasional e leve”.

Por fim, o termo crítica carrega uma significação simbólica que reúne em si um sentido de “legitimidade cultural” Bourdieu, (2007, p. 155). Isso significa que o discurso crítico não apenas avalia obras, mas ocupa uma posição de autoridade no campo literário, definindo o que deve ser reconhecido, valorizado e consagrado.

Nesse sentido, Marcondes Filho (2002, p. 22) observa que:

Criticar só tem sentido se associado à multiplicidade, à variedade, a um conjunto informal, difuso de pessoas que satisfazem um quesito básico, o de ter estudado, pesquisado, se informado razoavelmente sobre o objeto em questão. Crítica como forma coletiva, aberta, múltipla, admitindo as oposições, as diferenças, as contradições, mas necessariamente especializada. (Marcondes Filho, 2002, p. 22)

Para o autor, a crítica é uma prática coletiva, aberta e múltipla, que admite oposições, diferenças e contradições, mas que permanece necessariamente especializada.

Por fim, ao ser incorporada à imprensa, a crítica reconfigura seu sentido de legitimidade, passa a atuar sob as condições específicas do jornalismo: velocidade, periodicidade, necessidade de oferecer julgamentos iniciais. Martins (1983) observa que a crítica jornalística funciona como um “ensaio imediato”, cujo caráter preliminar contribui para a formação posterior da fortuna crítica de obras e autores, inserindo-se nas dinâmicas mais amplas de recepção e reconhecimento no campo literário.

Nessa perspectiva, a atuação da *Pacotilha* exemplifica essa concepção, ao articular informação, debate público e exercício crítico no interior do espaço jornalístico.

Na seção subsequente, amplia-se o escopo da análise para compreender a recepção crítica de *O Mulato* em seu tempo. Após a apresentação do contexto de surgimento da obra e dos debates por ela suscitados, examina-se de que modo os periódicos maranhenses interpretaram, valorizaram ou rejeitaram o romance de Aluísio Azevedo. Ao acompanhar tais leituras, será possível apreender não apenas os juízos estéticos formulados pela crítica da época, mas também as disputas sociais, políticas e raciais que atravessaram a recepção da obra.

3.1 A Recepção da Crítica de *O Mulato* na *Pacotilha*

O periódico maranhense *Pacotilha*, em sua edição de 06 de setembro de 1881, publica dois textos centrais para a compreensão da formação intelectual e do posicionamento público do jovem Aluísio Azevedo (1857-1913). O primeiro é uma carta de despedida do autor, que se transferia para o Rio de Janeiro; o segundo, um artigo laudatório que o caracteriza como um ícone do pensamento progressista local. A análise conjunta desses trechos permite iluminar a construção do literato e do intelectual, suas estratégias retóricas de autodefesa e legitimação, e o campo de forças ideológicas no Maranhão da década de 1880.

Na carta, Aluísio estabelece um tom pessoal e defensivo, respondendo a críticas que, aparentemente, marcaram sua estadia. Sua narrativa é estruturada em três pontos: gratidão, justificação de sua produção e contra-ataque velado.

Inicia agradecendo os “inestimáveis obséquios” recebidos, mas imediatamente adota uma pose de modéstia calculada, afirmando que “estava bem longe de merecer tanto - vou por conseguinte com o coração arejado por uma boa ideia de reconhecimento e com a consciência satisfeita pela convicção de não ter jamais procedido mal - não me arrependo de coisa alguma que fizesse” (*Pacotilha*, 1881). A ênfase na boa consciência e na ausência de arrependimento sugere uma réplica ou uma retórica as acusações não explicitadas, mas que ecoam no ambiente provinciano.

Em seguida, justifica sua prolongada estada no Rio de Janeiro, inicialmente prevista para três meses, estendida a quase três anos, pela “lastimável morte de meu pai”, um motivo familiar inquestionável que o isenta de qualquer má vontade inicial. Esse período, contudo, foi frutífero: permitiu-lhe “avivar velhas amizades” e entrar em contato com “alguns caracteres e

alguns corações de primeira água” (*Pacotilha*, 1881), estabelecendo sua rede de sociabilidade com a elite local.

O núcleo da justificativa reside no elenco de suas atividades intelectuais: a escrita do primeiro romance (*Uma Lágrima de Mulher*), a pintura de um quadro, a publicação de *O Mulato* (1881), a fundação d’O Pensador e a colaboração na redação da *Pacotilha*. No entanto, ele relativiza o valor dessas obras, posto que “todos esses trabalhos que enumerei pouco ou nada valerão, se não lhes valer o único mérito que possuem - a boa intenção com que foram praticados” (*Pacotilha*, 1881). Essa declaração pode ser lida tanto como genuína humildade quanto como um recurso para desarmar críticas estéticas ou ideológicas, deslocando o critério de julgamento da qualidade para a intenção.

O ataque mais direto, por outro lado, é reservado a um grupo específico: “Digam embora os padres que sou ignorante e atrevido, porém nunca poderão dizer que sou um homem mal-intencionado” (*Pacotilha*, 1881). Essa afirmação explicita o conflito com setores do clero, certamente abalados pelo conteúdo anticlerical e naturalista de *O Mulato* e d’O Pensador. Aluísio se posiciona como vítima de uma campanha difamatória (“a maior parte das vezes desfavoravelmente”), encerrando sua defesa com a transcrição de um poema de apoio, que sinaliza que não estava isolado.

Segundo o texto publicado na página 02 da mesma edição opera uma biografia do jovem autor, inserindo-o em um projeto coletivo de modernização. A construção de sua imagem segue modelos discursivos do liberalismo romântico e do cientificismo da época.

Primeiro, enfatiza sua precocidade e produtividade (“inteligência que, embora fecunda e variada, conta unicamente vinte e dois anos de existência”), comparando-o a uma “árvore ainda não assaz preparada para dar os seus melhores e mais sazonados frutos” (*Pacotilha*, 1881), projetando, assim, um futuro brilhante.

Segundo, e mais importante, contextualizar sua atuação dentro de um “movimento simpático à causa do progresso e do futuro” no Maranhão. Aluísio Azevedo é descrito como parte de uma vanguarda de “jovens empunhando o gládio da verdade contra as armas do erro, a luz da ciência contra o obscurantismo da ignorância” (*Pacotilha*, 1881). A linguagem é militar e maniqueísta, típica do embate entre positivismo e a tradição católica conservadora.

Sua atuação é, ainda, glorificada como a de um “dos mais denominados campeões dessa santa cruzada do bem contra as hostes dos enviados de Satanás para assassinar-nos as consciências” (*Pacotilha*, 1881). A apropriação do termo “cruzada”, de origem religiosa, para uma causa anticlerical e moderna, é um desses exemplos de ressignificação. O texto, portanto,

não apenas defende Azevedo, mas define a luta intelectual local como uma batalha cósmica entre o progresso (ciência, verdade) e a reação (ignorância, fanatismo).

Por fim, a despedida do Maranhão para o Rio de Janeiro é transformada em uma expansão de sua missão. Partindo para a Corte, espera-se que ele continue “a série de triunfos e conquistas” e siga “lutando em prol dos seus concidadãos, em prol da prosperidade de sua pátria” (*Pacotilha*, 1881). Assim, ele é alçado à condição de representante das ideias modernas do Maranhão no centro do Império.

A leitura cruzada dos dois textos revela um momento de transição e consolidação. A carta de Aluísio Azevedo é um documento de defesa e afirmação, no qual o autor, sentindo-se atacado, busca definir os termos de seu legado maranhense, destacando a retidão de suas intenções e apontando os padres como seus principais opositores. Já o artigo da redação é um documento de legitimação e projeção, que insere o indivíduo Azevedo em um movimento coletivo maior, construindo para ele o lugar do intelectual combativo, jovem e modernizador.

Essa dupla narrativa é fundamental para se entender a entrada de Aluísio Azevedo no cenário nacional. O conflito com o fanatismo religioso, aqui testemunhado, não só marcou sua experiência biográfica como se tornou matéria-prima para sua ficção naturalista posterior, como em *O Mulato* e *O Cortiço*. Os textos da *Pacotilha* funcionam, assim, como uma certidão de nascimento público do Aluísio romancista e polemista, mostrando como suas “armas” literárias foram forjadas no calor de embates locais muito concretos, antes de serem levadas para a arena imperial do Rio de Janeiro. Eles encapsulam o ethos do escritor de vanguarda do final do século XIX, dividido entre a defesa de suas posições, a busca por reconhecimento e a militância por um projeto de sociedade pautado pela “luz da ciência”.

Publicado em 1881, *O Mulato* marca a carreira literária de Aluísio Azevedo, como romancista, cuja produção dialoga com diversas vertentes literárias e sociais. Como elucida José Veríssimo, ao retornar a São Luís, Azevedo retoma suas atividades na imprensa, escrevendo crônicas e comentários, ao mesmo tempo em que finaliza um romance iniciado no Rio de Janeiro, *Uma Lágrima de Mulher* (1879). Considerado pela crítica como uma obra romântica em seu aspecto mais “piegas”, esse livro ainda não revelava o autor naturalista de *O Mulato*, *Casa de Pensão* e *O Cortiço*.

A recepção crítica de *O Mulato* na imprensa maranhense foi marcada tanto por elogios quanto por ataques severos, revelando a polarização em torno da obra e de seu autor. Em meio a esse ambiente conflituoso, Aluísio Azevedo recorre ao pseudônimo Giroflé para responder publicamente às críticas.

O pseudônimo opera como estratégia discursiva que lhe permite intervir no debate de forma incisiva, preservando sua identidade autoral enquanto formula réplicas irônicas, ácidas aos seus detratores. Segundo Jean-Yves Mérian, foi no *Pacotilha*, a partir de 27 de junho de 34 1881, que Aluísio, sob o nome de Giroflé, respondeu aos ataques de Euclides Faria publicados nas crônicas Por Secas e Mecas, do jornal *A Civilização* (Mérian, 1988).

Um dos textos de Giroflé evidencia a estratégia adotada. Ele inicia comentando a má qualidade da carne vendida nos açougues de São Luís, mas rapidamente desloca o foco para outro ponto: a relação que estabelece entre esse problema material e o comportamento moral da população. Assim, o folhetim se transforma numa análise social dura, amparada na ideia de que o ambiente e as condições materiais influenciam diretamente o caráter e a vida dos indivíduos. O excerto a seguir, publicado em *A Pacotilha*, explicita essa perspectiva:

O nosso maranhense, mole, romântico, caprichoso, cheio de um orgulho pueril, todo ele susceptibilidades e pieguices, sem iniciativa, sem originalidade tanto incapaz de engraxar um par de botas como incapaz de fazer qualquer cousa que não seja da praxe, da chapa, do que for do costume! O maranhense, incapaz de viver por si só, sem o auxílio de escravos que o dispam, que o descalcem, que o aconselhem; o maranhense, que adormeceu todas as noites de sua infância com o espírito sobressaltado por uma história besta que lhe contava a mãe preta enquanto embalava-lhe a rede. (*Pacotilha*, 1881, ed. 57, p. 1).

Esse excerto não apenas revela o tom contundente da crítica, mas também evidencia o ambiente tenso e profundamente marcado por disputas simbólicas em que *O Mulato* foi recebido. Ao caracterizar o maranhense como “mole, romântico e caprichoso” e ao atribuir essa suposta debilidade moral à “carne podre”, o texto desloca a discussão do campo literário para o âmbito das teorias deterministas e da ciência fisiológica em voga. Nesse movimento, questões como apatia, falta de iniciativa e dinamismo social deixam de ser compreendidas como falhas morais individuais e passam a ser interpretadas como efeitos das condições materiais e ambientais.

Dessa forma, a crítica exercida por Giroflé opera como um instrumento de intervenção ideológica, explorando discursos científicos da época para explicar comportamentos coletivos e, ao mesmo tempo, impactar o debate público maranhense. Trata-se de uma crítica que ultrapassa o comentário literário e se articula como diagnóstico social, revelando o modo como *A Pacotilha* participava ativamente das disputas políticas e sociais de 1881.

Para desenvolver este ponto, recorre-se ao artigo de Silviano Santiago (1993) sobre a crítica literária nos jornais, no qual o autor destaca que “A literatura (contos, poemas, ensaio,

crítica) passou a ser esse algo mais que fortalece semanalmente os jornais através de matérias 35 de peso, imaginativas, opinativas, críticas, tentando motivar o leitor apressado dos dias da semana a preencher o lazer do weekend de maneira inteligente.” (Santiago,1993, p.14)

A assertiva de Santiago (1993) contribui para essa discussão ao destacar que o jornal reúne ensaio, crítica, contos e poemas como elementos que, juntos, formam “esse algo mais” da imprensa. O “folhetim”, ao se tornar um espaço híbrido, exemplifica essa não homogeneidade, pois nele o literário se mistura ao social, ao político e ao moral, conferindo à crítica um peso imaginativo e opinativo como ocorre na crítica intitulada Chuva e Trovoadas, assinada por Giroflé: “Em uma província em que de inverno chove todos os dias e quase todas as horas, ainda não se acostumaram, todavia, a afrontar a chuva e, se bem que a colocação de nossa cidade seja a mais favorável, não ficamos cheios de lama.” (*Pacotilha*, 1881 p. 2. ed,31).

Nesse texto, Aluísio Azevedo não critica o fenômeno natural da chuva, mas sim as consequências sociais, morais e sanitárias reveladas pela falta de preparo da cidade. A crítica se dirige, portanto, à constatação de que a cidade permanece continuamente despreparada para seu próprio clima, o que impede o desenvolvimento de padrões mais amplos de urbanidade e progresso. Durão (2016, p.11) ajuda a esclarecer essa perspectiva ao afirmar que “não faz sentido criticar o clima, se há sol ou chove”. A crítica verdadeira reside na interferência dos fatores sociais sobre o cotidiano, isto é, nas consequências que o mau tempo expõe quanto à precariedade da infraestrutura e ao comportamento da população.

Seguindo essa percepção de crítica, o jornal retira o assunto do âmbito privado e o projeta para o debate público. Ao analisar a literatura ou os costumes, a crítica jornalística obriga o leitor a confrontar questões sociais, políticas e morais de sua época. Assim, o texto deixa de ser apenas um comentário ou opinião isolada e passa a funcionar como um instrumento de formação. Molda a visão de mundo do leitor, tanto sobre si mesmo quanto sobre a sociedade em que está inserido.

Essa observação evidencia a atrito entre a natureza reflexiva da crítica e a lógica da imprensa, marcada pela rapidez, pelo imediatismo informativo e pelo consumo veloz dos textos. No entanto, no caso das críticas assinadas por Giroflé, observa-se um movimento inverso: seus textos capturam a atenção do leitor porque ultrapassam o registro do comentário ocasional e assumem a forma de uma revelação sobre as condutas, os costumes e as tensões sociais de uma província, e sobre outros jornais. Um exemplo dessa estratégia aparece no seguinte trecho:

Dizemos ontem que não levaríamos o nosso espírito de pândega ao ponto de tomar a sério uma folha que aparece por aí nos dias em que os cegos saem a tirar esmolas, e que atende ao pomposo nome de Civilização. Deitemos agora os pontos nos “is”:

ontem tínhamos mais o que fazer, e com a tal folha só gastamos o tempo inaproveitável para outra coisa. Quereis, adorável leitor e adorabilíssima leitora, saber os motivos por que não podemos tomar a Civilização a sério? É porque a Civilização nunca foi um jornal sério leiam-na com atenção, do princípio ao fim, e cá estão as mãozinhas prontas à palmatória se encontrarem nela alguma coisa que não seja pilhéria, resmungo, patuscada, intriga, rabugice ou, simplesmente, tolice. (*Pacotilha*, 1881, ed. 76, p. 02).

Esse trecho exemplifica o tom satírico e combativo característico das críticas de Giroflé. Ao dirigir-se ao “adorável leitor e adorabilíssima leitora”, o autor cria uma falsa intimidade que reforça o efeito irônico de sua argumentação, transformando a crítica em uma cena de ridicularização pública do jornal *Civilização*. Por meio de exageros, metáforas depreciativas e uma enumeração de termos como “pilhéria”, “patuscada” e “tolice”, o texto constrói a imagem de um periódico incapaz de ser levado a sério, convocando o leitor a partilhar deste juízo. Assim, a crítica deixa de ser mero comentário jornalístico e assume um papel performativo, revelando disputas e relações de poder entre periódicos que buscavam afirmar sua legitimidade no cenário cultural da época.

Como observa Daniel Piza (2007), pioneiro dos estudos sobre jornalismo cultural no Brasil, a crítica ainda é marcada por controvérsias que, muitas vezes, poderiam ser evitadas. Diante disso, ele procura definir o que caracteriza um bom texto crítico.

Em primeiro lugar, afirma que a crítica deve reunir todas as qualidades básicas do texto jornalístico: clareza, coerência e agilidade. Em segundo lugar, precisa informar o leitor sobre a obra ou o tema em questão, apresentando de forma sintética seu enredo, suas linhas gerais, o percurso do autor e demais dados contextuais relevantes. O terceiro ponto destacado por Piza é que o crítico deve analisar a obra com concisão e sutileza, ponderando qualidades e defeitos sem recorrer a um tom de “balanço contábil” ou limitar-se a uma sequência de adjetivos. Esse conjunto de elementos de informação contextual e avaliação equilibrada forma o que ele considera uma boa resenha. No quarto requisito, presente nos grandes críticos: a capacidade de transcender o objeto analisado, de usá-lo como ponto de partida para interpretar algum aspecto da realidade. É nesse movimento que o crítico se torna também um autor, alguém que produz sentido e oferece ao leitor uma chave de leitura do mundo (Piza, 2007, p. 70).

Tanto Daniel Piza quanto Fabio Durão abordam, sob perspectivas distintas, o lugar da normatividade no exercício crítico. Piza, ao definir os elementos de um “bom texto crítico” clareza, coerência, agilidade, informação contextual e capacidade interpretativa propõe um conjunto de procedimentos que funciona como um modelo normativo do fazer crítico no jornalismo cultural. Já Durão conceitua diretamente a chamada crítica normativa, aquela que aplica à obra literária critérios externos, sejam eles ideológicos, morais ou estéticos, e a contrapõe à crítica imanente, que busca compreender a obra conforme os princípios que ela

própria estabelece. Assim, ambos reconhecem que a crítica opera sempre entre dois polos: o da normatização, que tenta estabilizar o juízo a partir de parâmetros exteriores.

E por fim, a recepção de *O Mulato* em *A Pacotilha* evidencia que a crítica oitocentista não se limitava a julgar obras literárias, mas atuava com uma intervenção social e disputa por autoridade no espaço público. As respostas de Giroflé, marcadas pela ironia e pelo tom combativo, mostram como o jornalismo literário servia para moldar percepções, instaurar debates e posicionar autores e periódicos. Encerrada essa análise, torna-se possível avançar para outras vozes e leituras que também contribuíram para a formação da fortuna crítica inicial do romance.

A ascendência do gênero romanesco frente ao dramático é defendida por Álvaro de Sá Vianna em sua análise sobre *O Mulato*. Para o crítico, a modicidade e a comodidade do romance permitiam que a obra de Aluísio Azevedo percorresse todas as camadas sociais, promovendo uma reflexão que o imediatismo do teatro não comportava. Segundo Vianna:

A maior circulação que tem o romance, a facilidade, comodidade e modicidade com que pode ele ser lido e correr por todas as camadas sociais são outras tantas vantagens, que tem sobre o teatro. Além disso, a reflexão que de momento a momento pode o leitor fazer do romance reatando logo o fio do enredo, o que não se dá no teatro, onde a impressão é recebida em poucas horas, constitui grande superioridade (*A Pacotilha*, 1881, ed. 124, p. 2).

Nesse sentido, Vianna identifica o romance como um gênero democrático, caracterizado por ser um objeto acessível que pode ser consumido em qualquer lugar. Essa perspectiva reforça a ideia de que a crítica publicada em *Pacotilha* não se dirigia apenas a uma elite intelectual, mas buscava moldar a opinião pública geral e intervir na sensibilidade do leitor comum. Esse pensamento dialoga diretamente com a tese de Massaud Moisés (2004) sobre a “literatura em linha reta”, uma vez que a eficácia do romance reside justamente na sua capacidade de reatar o enredo com a experiência cotidiana do leitor maranhense, transformando a leitura em um exercício de reflexão contínua sobre a realidade histórica.

Tal ruptura literária é fundamentada por Vianna (1881) a partir de uma revisão do percurso do gênero no Império. Para o crítico, o romance brasileiro demorou a encontrar uma voz autêntica, descrevendo-o como inicialmente “vicioso”, “banal” e desprendido de modelos nacionais: “No Brasil o romance surgiu já no último período das letras portuguesa, porém vagarosamente, vicioso, banal, sem caráter próprio e até mesmo sem tendência para caracterizar-se” (*Pacotilha*, 1881, ed. 126, p. 2).

Essa percepção dialoga com a tese de Antonio Candido (2007), que observa que, em sua fase formativa, a nossa literatura era uma extensão da portuguesa, carecendo de um “sistema” orgânico que refletisse as tensões locais. Ao romper com essa banalidade através de *O Mulato*, Aluísio Azevedo opera o que Candido define como a consolidação do sistema literário: o momento em que a obra deixa de ser apenas entretenimento e passa a exercer uma função social e crítica.

Vianna reforça essa transição ao definir o livro como uma propaganda enérgica em prol das ideias abolicionistas, ressaltando que o romance não apenas narra, mas intervém na realidade: “Não encarecemos a importância da tese, ela prende todos os espíritos, tem tantos sectários quantas são as cabeças que pensam conveniente e erradamente, em uma causa tão comum, julgada e aceita embora em seus pontos mais extremados” (*Pacotilha*, 1881, ed. 126, p. 2).

Nesse cenário, o crítico aproxima a obra de Azevedo de cânones do Realismo europeu, como Eça de Queirós, mas incita o autor a converter seus trabalhos em um “estudo sério dos costumes nacionais”. Como afirma Candido, a maturidade de um sistema literário depende de denominadores comuns que organizam a tradição e a recepção:

A literatura é o sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, que se organizam verticalmente [...] e horizontalmente, para formar a tradição (Candido, 2007, p. 23).

Ao analisar a recepção local, Vianna argumenta que o livro não poderia agradar o público maranhense da época, pois muitos leitores se viram retratados na obra, reconhecendo suas próprias feições e preconceitos. Assim, o “ferro em brasa” mencionado pelo crítico não atingiu apenas o orgulho da elite; ele marcou o nascimento de uma literatura que assume sua maturidade ao enfrentar os dilemas da própria terra: “Não podia agradar; *O Mulato* foi um ferro em brasa posto de encontro ao cancro do preconceito ridículo, que à despeito de alguns parlapatões ainda se pretende levantar, quando falta-lhes tudo, a começar pela fartura nobreza de sangue” (*Pacotilha*, 1881, ed. 126, p. 2).

Dessa forma, a obra de Azevedo transforma o leitor passivo em um público provocado pela realidade, consolidando a “literatura em linha reta” no seio da imprensa maranhense. Essa recepção engajada é confirmada pelo pseudônimo crítico Ignotus, que em um “bilhete postal” endereçado a Arthur Azevedo, descreve o impacto imediato da leitura de *O Mulato*: “Li-o com sofreguidão, e folguei vendo que, de par com o intuito literário naquele 39

romance, há uma preocupação constante de ver abolida a escravidão neste país” (*A Pacotilha*, 1881, ed. 128, p. 2).

O depoimento de Ignotus reforça a tese de que a obra possuía a excelência estética, o intuito literário e o compromisso ético-político como preocupação constante do autor. Ao admitir que leu o livro com “sofreguidão”, o crítico confirma o caráter naturalista do romance, que capturava o leitor pela crueza dos fatos, transformando o romance em um agente ativo do movimento abolicionista.

Ao analisar a forma de *O Mulato*, o renomado crítico Araripe Júnior (1881) utiliza metáforas clássicas para descrever o que percebe como uma hesitação estilística na obra. Para ele, o estilo naturalista ainda convivia com resquícios da tradição anterior:

Em *O Mulato*, o estilo é como uma roupa que os autores tomam e deixam mais ou menos à vontade. Não sei se afirme que o autor d’*O Mulato* esteja nas condições da cabeça de Medusa. Ali há páginas tão suaves, tão doces, tão cheias de claridade rosicler, alencarina, que sou levado a crer que o mergulho dado pelo poeta nas águas encapeladas do Estyge da nova escola foi apenas à superfície (*Pacotilha*, 1881, ed. 128, p. 2).

Ao identificar uma “claridade rosicler” e “alencarina”, o crítico aponta que Aluísio Azevedo ainda preservava a herança de José de Alencar, sugerindo que o autor não havia submergido totalmente nas águas sombrias do “Estyge”, rio mitológico que, na crítica, simboliza o Naturalismo cru, determinista e pessimista.

Nesse sentido, a percepção sobre o mergulho na superfície e a persistência de traços idealistas encontram respaldo na análise de Massaud Moisés (2004). Segundo o teórico, o Naturalismo brasileiro não se despojou por completo do lirismo romântico em suas obras inaugurais; pelo contrário, operou uma simbiose onde a observação científica convivia com o tom folhetinesco. Em última análise, para Moisés, Azevedo, ao vestir essa “roupagem” oscilante, estava na verdade tateando as fronteiras de uma nova estética que ainda não possuía um repertório de formas totalmente autônomo no Brasil, consolidando o que se pode chamar de um Realismo de transição.

Dessa forma, a recepção crítica em *A Pacotilha* não apenas registrou o nascimento de um novo estilo, mas testemunhou o exato momento em que a literatura brasileira buscava conciliar a tradição com a ruptura. O Realismo de transição de Aluísio Azevedo, longe de ser uma hesitação artística, constituiu uma etapa necessária para que o público leitor maranhense pudesse transitar da emoção romântica para a análise científica dos problemas sociais. Ao equilibrar o lirismo e a observação crua, Azevedo fixou as bases de uma ficção que, embora 40

presas a alguns moldes do passado, já era capaz de ferir o presente com a força da denúncia naturalista.

4. CONCLUSÃO

A análise de *A Pacotilha* entre 1881 e 1900 permite compreender o periódico como um eixo fundamental da mediação cultural no Brasil oitocentista. Para além da simples transmissão de notícias, o jornal constituiu-se como um espaço privilegiado de circulação literária, debate público e intervenção simbólica, no qual a literatura se popularizou e passou a dialogar diretamente com as questões sociais, políticas e morais da província. Ao acolher folhetins, contos, crônicas e textos críticos, *A Pacotilha* atuou de forma decisiva na formação de um novo público leitor, deslocando o texto literário dos círculos restritos das elites para uma esfera de circulação mais ampla e socialmente diversificada.

A investigação de seu conteúdo, especialmente nas seções Folhetim e Variedades, evidencia a hegemonia de autores estrangeiros, como Eugène Sue, Alexandre Dumas e Charles Dickens, o que atesta a integração do Maranhão aos circuitos culturais europeus e a adoção de modelos estéticos consagrados. Ao mesmo tempo, essa predominância revela os obstáculos enfrentados pela produção nacional em um mercado editorial ainda em consolidação, no qual o prestígio dos cânones importados funcionava como estratégia editorial segura e comercialmente vantajosa. Ainda assim, a presença de autores brasileiros como Machado de Assis, Aluísio Azevedo e Coelho Netto não pode ser compreendida como marginal, pois suas inserções carregavam forte valor simbólico e indicavam a gradativa afirmação de uma voz literária nacional em processo de reconhecimento.

Nesse cenário, a crítica literária publicada em *A Pacotilha* desempenhou papel central ao ultrapassar o simples julgamento de obras e assumir a forma de intervenção social e disputa por legitimidade no espaço público. A recepção de *O Mulato* exemplifica de maneira expressiva esse funcionamento: o romance de Aluísio Azevedo foi lido, debatido e contestado como acontecimento intelectual, revelando tensões estéticas, ideológicas e raciais da sociedade maranhense. As respostas assinadas por Giroflé, bem como os textos críticos de diferentes colaboradores, demonstram que a crítica jornalística atuava como instrumento de formação do leitor, de posicionamento autoral e de enfrentamento das estruturas conservadoras locais.

Dessa forma, *A Pacotilha* consolidou-se não como um reproduzidor passivo de modas literárias, mas como um espaço cultural dinâmico, no qual informação, entretenimento, literatura e crítica se entrelaçaram de maneira ativa. Ao cumprir esse papel, o periódico ultrapassou sua função imediata e assumiu um lugar singular na história da cultura letrada brasileira, contribuindo simultaneamente para a democratização do acesso à leitura, para a

legitimação de autores e para a sedimentação de um imaginário literário que articula referências internacionais às primeiras expressões de uma identidade nacional em formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNT, Hérís. **A influência da literatura no jornalismo**: O Folhetim e a Crônica. Rio de Janeiro: E-papers editora, 2001.

BARBOSA, Socorro de Fátima P. A introdução às Cartas Chilenas ou Epístola a Critilo e a murmuração da corte no primeiro reinado. **Veredas**, v.19, pp. 201-236, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRITO BROCA. **A vida literária no Brasil - 1900**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

COUTINHO, Afrânio. **Da crítica e da nova crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia da crítica literária**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2016.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **O que é crítica literária?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

GALVES, Marcelo Cheche. **“Ao público sincero e imparcial”**: imprensa e independência do Maranhão (1821-1826). 2010. 356 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

LEÃO, Karleno Bessa. **O Jornal A Pacotilha**: um projeto de modernidade no Maranhão (1880-1910). 2013. 518 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O jornalismo cultural**. São Paulo: Paulus, 2002.

MARTINS, Wilson. **A crítica literária no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MATOS, Marcos Fábio Belo. *Jornal Pacotilha*: uma voz pela modernidade fin-de-siècle em São Luís. **Revista Outros Tempos**, São Luís, v. 18, n. 32, p. 114-136, 2021.

MEYER, M. **As mil faces de um herói canalha e outros ensaios**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

MEYER, M. **Folhetim**: uma história. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**: Realismo e Simbolismo. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 2004. v. 2.

PINHEIRO, Roseane Arcanjo. Um Mapa da Difusão do Jornalismo Maranhense nos séculos XIX e XX. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2007

SANTIAGO, Silviano. A crítica literária nos jornais. **Folha de S. Paulo**, Jornal de Resenhas, São Paulo, p. 14, 11 abr. 1993

SANTOS, Josevaldo Pereira dos. **O Mulato de Aluísio Azevedo e a recepção da crítica maranhense**. São Paulo: Annablume, 2006.

SOUZA, Antonia Pereira de. **A prosa de ficção nos jornais do Maranhão oitocentista**. 2017. 329 f. Tese (Doutorado) –Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências 19 Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras. João Pessoa, 2017.

SOUZA, Roberto Acízelo de. Crítica literária: seu percurso e seu papel na atualidade. **Floema**, Vitória da Conquista, v. 7, n. 8, p. 29-38, jan./jun. 2011.

VILANETO, Quincas. **Catálogo Histórico da Imprensa Maranhense: do Prelo ao Prego: 1821-2007**, Volume 1. São Luís: UEMA, 2008.